

JUAN ARAUJO

Artes Visuais x



EL JARDÍN DE LOS SENDEROS QUE SE BIFURCAN

20 outubro 2018 - 6 janeiro 2019

Juan Araujo (Caracas, 1971) tem vindo a desenvolver um trabalho em pintura que alude sempre a obras de outros artistas e arquitetos, num novelo de remissões que, mais do que produzir um mapa de referências, propõe conexões e ligações que demonstram um ponto de vista sobre a história e a criação artística.

O foco desta primeira exposição antológica em Portugal deste artista venezuelano situa-se na procura das fontes do trabalho artístico e na forma como a utilização de imagens da história da arte se converte num palimpsesto de procedimentos que são a própria matéria da criação artística. As ferramentas de que Araujo se serve para desenvolver as teias de relações que estabelece são as próprias da pintura, com recurso a uma fenomenologia dos processos da visão, utilizando a escala, a luz, a transparência e o cromatismo como dispositivos que criam uma gramática ao serviço da produção de narrativas. Nos seus trabalhos nunca estamos perante um mero exercício de estilo ou proficiência pictóricos – embora o virtuosismo das suas obras seja notável – mas, pelo contrário, somos confrontados com propostas poéticas para as quais são convocadas memórias num labirinto de estórias que envolve o espectador. O próprio título da exposição, *O jardim dos caminhos que se bifurcam*, apropriado ao conto de 1941 de Jorge Luis Borges, indicia esta complexidade, não só porque o livro conta uma história sobre a ideia de labirinto do tempo, mas porque se cruza com a própria história de Araujo, que leu o texto pela primeira vez num exemplar oferecido pelo seu pai.

A exposição, concebida especificamente para a Culturgest, está construída como uma grande instalação pictórica, na qual cada uma das seis salas se dedica a uma temática, ou gira em torno de um personagem, de um artista ou de um arquiteto. A organização da exposição, que percorre os últimos 15 anos do trabalho do artista, não segue uma ordem cronológica. Pelo contrário, segue o fio do labirinto temporal que está presente na obra de Borges que lhe dá o título.

Sala 1

Concebida em volta da ideia de mimese, apresenta-se uma possibilidade irónica para o pensamento sobre o processo criativo através da utilização de imagens duplas, espelhadas, das mesmas obras: a primeira banda desenhada de que Roy Lichtenstein, o artista norte-americano, se serviu como modelo para uma pintura (uma prancha de Walt Disney de 1961) é aqui duplamente reproduzida, com a cor levemente mais esbatida na versão espelhada, acompanhada da reprodução da paleta do artista, também em versão dupla, com o pormenor da duplicação surgir, não só com a cor mais esbatida, mas ostentando uma trama de impressão. Esta tônica nas paletas de cor, que é recorrente ao longo da exposição, explícita, de forma subtil, a forma de proceder de Araujo: uma paleta é, evidentemente, um suporte

de combinação de cores que é uma imagem abstrata, porque a distribuição das cores é aleatória; no entanto, a partir do momento em que é reproduzida, passa a constituir o assunto de uma pintura figurativa porque representa a paleta como um objeto, recriado e afastado da sua função, fazendo-nos focar na matéria-prima da criação pictórica, a tinta. A imagem torna-se, então, simultaneamente abstrata e figurativa.

Na mesma sala, realizando um jogo irónico, encontram duas versões espelhadas de uma pintura de Barnett Newman, uma das quais Araujo realizou para a Bienal Front, que teve lugar em Cleveland neste verão. A ironia reside no facto da inversão da imagem só poder ser reconhecida na assinatura de Barnett Newman, também reproduzida, na medida em que a simetria da pintura não denuncia o processo de inversão.



Bibliot Window I, 2015. Óleo sobre tela. 131 x 91 cm. Cortesia do artista e Galleria Continua

Sala 2

A relação com a arquitetura modernista tem vindo a ocupar a pintura de Araujo nos últimos doze anos. A sala é dominada por um conjunto de obras sobre a Residência Baeta, desenhada por Artigas e Cascaldi em 1956. A partir de representações em diversos meios de vistas da casa (pintura a óleo sobre tela, pintura sobre vidro retroprojetada ou vista em transparência) são estabelecidas conexões com a teoria da complementaridade da cor de Goethe e, a partir deste, com Mark Rothko, discretamente aludido num pequeno postal facsimilado.

Sala 3

No centro da sala encontra-se inscrito um desenho espacial de uma construção, apenas sinalizada em linhas que definem um espaço dentro do espaço expositivo. Neste segundo espaço estão suspensas três pinturas das janelas cegas da Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença (1525) desenhada por Michelangelo. Em redor apresentam-se imagens da Vila dos Mistérios de Pompeia (séc II d.c.), cujos fechamentos em *trompe l'oeil* são aqui associados à clausura da biblioteca florentina. Numa das paredes encontra-se uma pintura que reproduz uma fotografia do atelier de Mark Rothko no número 300 da Bowery, em Nova Iorque, durante a execução da série de

pinturas para o restaurante Four Seasons, projeto nunca entregue por Rothko e sobre o qual o pintor norte-americano afirmou ter sido inspirado, precisamente, na Biblioteca Medicea que visitou antes do trabalho para o Seagram Building – edifício emblemático de Mies van der Rohe, onde se encontra o Four Seasons.

Corredor

Uma das zonas mais fascinantes do trabalho de Araujo são as pinturas e desenhos nos quais o artista reproduz páginas ou ilustrações de livros.

Começamos com uma pintura que reproduz, invertido, o cartaz do filme *Deserto Rosso* (1964), de Michelangelo Antonioni – o seu primeiro filme a cor –, cuja alusão por Araujo continua a abordagem à fenomenologia da cor da última sala.

Os livros apresentados na parede, conjuntamente com pinturas ficcionadas de capas da *National Geographic*, introduzem uma ficção catastrofista sobre um possível terramoto na Venezuela, que culminam numa capa da revista venezuelana *Elite* que imagina um cenário de terramoto em Caracas, com o tema sucessivamente repetido das torres de El Silêncio, edifícios gêmeos de 1954 que materializam a utopia da arquitetura modernista na Venezuela, aqui em visões de permanente ameaça, num conjunto que introduz um eco político.

Sala 4

A sala centra-se no projeto que Juan Araujo desenvolveu recentemente para a Bienal Front. Convidado a realizar uma intervenção numa residência projetada por Frank Lloyd Wright (a Weltzheimer/Johnson House, em Olberlin, de 1947-1949), veio a ser adquirida pela professora de História da Arte Ellen Johnson que aí residiu e instalou a sua coleção de arte, hoje entregue à universidade. A intervenção de Araujo partiu da substituição de obras da coleção por pinturas suas que reproduzem essas mesmas obras – como é o caso da escultura de Robert Morris aqui apresentada, ou a pintura de Barnett Newman apresentada na Sala 1.

Juntam-se duas representações da própria casa e da casa com a intervenção exterior do próprio artista, repetida na própria sala da exposição. A escultura em telas espelhadas alude à escultura de Robert Morris apresentada no Jewish Museum em 1966, obra fundamental da sua fase minimal.

Sala 5

Esta sala é dedicada à obra da arquiteta Lina Bo Bardi, especificamente à Casa de Vidro de 1951, na qual a arquiteta viveu e que foi um centro de encontro importante de artistas e personalidades da cultura

em S. Paulo, mas também à Casa Canoas (1951/53), no Rio de Janeiro, de Oscar Niemeyer, aqui representada a partir da reprodução de um desdobrável realizado para documentar as imagens que a fotógrafa italiana Luisa Lambri aí produziu. No centro da sala apresenta-se uma reprodução de parte do catálogo da exposição *Brazil Builds: Architecture New and Old*, apresentada no MoMA em 1943 e que efetuou um primeiro panorama da arquitetura no Brasil desde o século XVII até ao modernismo. A utilização de plantas no espaço remete para a instalação da exposição no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque.

Sala 6

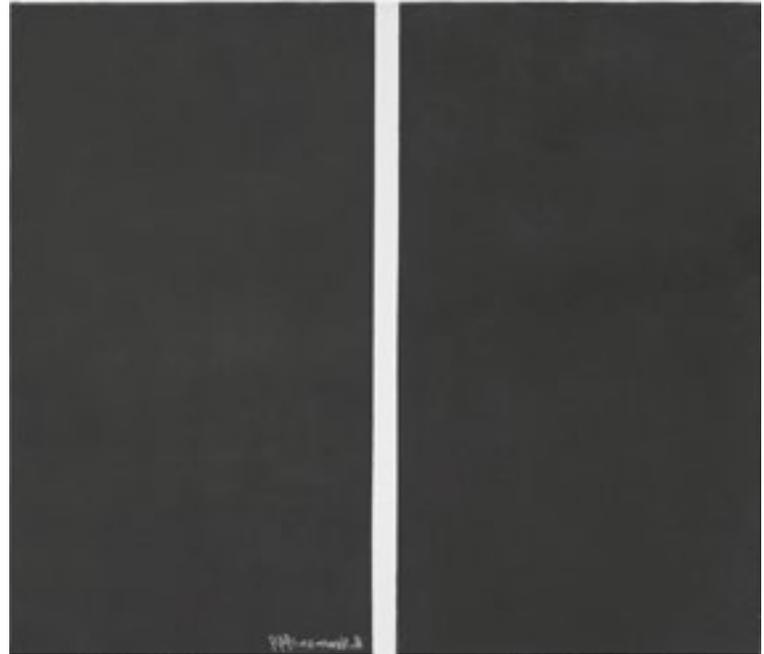
Esta última sala gravita em torno da obra de Alejandro Otero, pintor venezuelano e figura central do abstracionismo geométrico na América Latina, especialmente da série *Colorythm*, da década de 1950. As obras de Otero são sobrepostas com autorretratos de Araujo, num processo de ligação entre organicidade e geometria que é um tópico da arte latino-americana, a sua grande originalidade e que, na arquitetura como nas artes visuais, contradiz a narrativa sobre o modernismo que a história da arte, condicionada pelos grandes centros, veio a instituir.



Fausto II, 2009. Óleo sobre tela. 27 x 22 cm

A Venezuelan artist currently residing in Portugal, Juan Araujo (1971) has been developing work in the areas of painting and drawing that charts a whole host of relationships, oscillating between the recent history of art (especially the memory of modernism), modern architecture – with an emphasis on the modern architecture of Brazil and Latin America – and the current thinking about the labyrinth of references that define our creative processes. Each exhibition of Araujo’s work is a dense forest of connections and references, a palimpsest of narratives directing our attention to the work of such architects as Luís Barragán, Pancho Guedes, Burle Marx or Lina Bo Bardi and such artists as Mark Rothko or, more recently, Jorge Molder, all coming together to form a cultural map, or an immense *cabinet d’amateur*.

Also the structure that the artist has presented for the exhibition at Culturgest – conceived as an installation, centred on the appropriation of the central figure of the second vanguards, Roy Lichtenstein – becomes a game of recognitions for the spectator.



Onament IV-II, 2018. Óleo sobre tela. 84 x 96,5 cm. Cortesia do artista

Juan Araujo nasceu em Caracas em 1971. Vive e trabalha em Lisboa. Tem apresentado o seu trabalho internacionalmente, onde se incluem exposições individuais em Inhotim Centro de Arte Contemporânea (Belo Horizonte, Brasil, 2013) e Centro Galego de Arte Contemporânea (Santiago de Compostela, Espanha, 2008) e em várias exposições coletivas e bienais, incluindo *Front International* (Cleveland, EUA), *Curar e Reparar*, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra (2017), Sharjah Biennial (Emirados Árabes Unidos, 2009), Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2007), entre outras.

As suas obras estão representadas em numerosas coleções institucionais: Tate (Londres, Reino Unido), MoMA (Nova Iorque, EUA), Coleção Jumex (Cidade do México, México), Inhotim Centro de Arte Contemporânea (Belo Horizonte, Brasil), Museu de Arte Contemporâneo de Caracas (Venezuela), Centro Gallego de Arte Contemporâneo (Santiago de Compostela, Espanha), Museo de Bellas Artes (Caracas, Venezuela), Fundación Mercantil (Caracas, Venezuela) e Coleção Cisneros (Caracas, Venezuela).

CURADOR
Delfim Sardo

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Mário Valente

COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO
Fernando Teixeira

MONTAGEM
Rute Delgado
Daniel Fernandes
Ricardo Leite
Sílvia Santos
Maria Torrada

AGRADECIMENTOS
Pisces Collection (Londres),
Coleção Mercantil (Caracas),
Coleção Teixeira de Freitas
(Lisboa), Coleção Maria
e Armando Cabral (Lisboa),
Brondesbury Collection
(Barcelona), Coleção
Mercedes Villardel,
Galeria Luisa Strina (São
Paulo), Galeria Continua
(San Gimignano), Galeria
Stephen Friedman
(Londres), Galeria Cristina
Guerra Arte Contemporânea
(Lisboa), Andrea Gyrody,
Leopoldo Iribarren,
Ana Luíza Teixeira de Freitas

VISITAS GUIADAS
Mediante marcação
Tel. 21 761 90 78
culturgest.participar@cgd.pt

VISITAS AOS SÁBADOS
20 OUT 16:00
com Juan Araujo
10 NOV 17:00
com Delfim Sardo
3 NOV, 24 NOV, 8 DEZ 17:00
com Ana Gonçalves

VISITAS À HORA DE ALMOÇO
29 NOV 13:00
com Delfim Sardo
25 OUT, 8 NOV, 22 NOV,
13 DEZ 14:00
com Ana Gonçalves

APOIO

 **iterartis**
Serviços para Museus e Transportes de Arte, Lda

Próximas exposições

SALOMÉ LAMAS

Artes Visuais x

Porto x

FATAMORGANA

27 outubro 2018 - 13 janeiro 2019
Culturgest Porto

JOÃO ONOFRE

Artes Visuais x

16 fevereiro - 19 maio 2019
Galeria

Culturgest